

Um ensino paranoicamente correto

Em escolas dos EUA, beijar um colega ou carregar uma aspirina pode dar motivo a expulsão

José Meirelles Passos

Correspondente* WASHINGTON

Elas têm apenas 5 anos de idade e ainda não sabem exatamente como vieram ao mundo. Mas já recebem instruções sobre assédio sexual no jardim-de-infância. Uma das lições: beijos e afagos só em casa.

Cocaína e heroína são palavras que ainda não sabem soletrar. Mas por causa delas, também são instruídos a não levar aspirina para a escola nos EUA: afinal, dizem as autoridades, o vício pode começar pelas drogas legais.

No curso primário o currículo aperta: os alunos não levam *pager* para as aulas, pois é instrumento de trabalho de traficantes de drogas. E que ninguém apareça com merendas que precisem de garfo ou faca para serem comidas: esses utensílios são encarados como armas.

Não se permitem, sequer, garrafas de água mineral: com isso se evita que alguém leve vodca. Algumas escolas proíbem, também, que os alunos carreguem desodorante em spray, para usar depois das aulas de ginástica, sob a suspeita de que possam cheirar o aerossol.

Na Belmont High, um curso secundário em Nova York, os garotos não podem usar bonés do New York Yankees, a popularíssima equipe campeã de beisebol deste ano. Motivo?

— Isso poderia refletir afiliação a uma gangue. Cada uma tem os seus sinais. O uso de um determinado tipo de boné é um deles — argumentou o diretor da escola.

Um programa chamado 'tolerância zero'

Esses são apenas alguns dos itens de uma política educacional que se alastra pelo país, sob o rótulo de "tolerância zero".

Incapazes de encarar os motivos que levam alguém a usar drogas ou recorrer à violência, os responsáveis pela área educacional decidiram estabelecer regras rígidas que, ultimamente, têm revelado o seu lado absurdo.

Os infratores são punidos com suspensões ou até mesmo expulsão. Em casos extremos, acabam sendo algemados e conduzidos à delegacia de Polícia — ainda que tenham menos de 5 anos de idade. Alguns dos crimes de que esses meninos são acusados: beijar um colega ou uma colega de jardim-de-infância, carregar no bolso uma aspirina para uma emergência, ou um pequeno canivete usado especificamente para retirar a resina das cordas de violinos, durante ou ao término de uma aula de música.

Apesar da crescente adesão a regras desse tipo, alguns professores resistem, como Oliver Lancaster, que dirige o departamento de Relações Humanas do distrito escolar do Condado de Montgomery, na área de Washington.

— Estamos falando demais e cedo demais às crianças sobre determinadas coisas — disse ele.

— Estamos projetando nossas ansiedades de adultos sobre crianças incapazes de entender assuntos complicados, como assédio sexual. E acabamos deixando cicatrizes psicológicas para o resto da vida.

Apesar disso, alunos matriculados nos cursos primário e secundário do Condado de Montgomery, um dos mais ricos do país, recebem no início do ano escolar um guia com 16 páginas — que deve ser assinado tanto por eles quanto pelos pais — estipulando regras de conduta. Uma das advertências diz: "É proibido levar materiais explosivos para a escola".

Ryan Hudson é uma das vítimas mais recentes da tolerância zero. Ele gostou do ruído do novo *pager* de sua mãe, e levou o instrumento para mostrar aos amigos na escola, em Newport News, estado de Virgínia. Apanhado com ele, o menino foi mandado à diretoria e suspenso por cinco dias. Ele tem apenas 5 anos.

— Regras são regras — argumentou o diretor.

Brooke Olson, de 13 anos, é outra infratora. Ela foi trocar de roupa e deu por falta da mochila, que deixara trancada dentro de um armário individual na escola. Mas nem precisou reclamar: a Polícia já estava à sua espera na sala do diretor da Riverwood Middle School, uma escola de Humble, Texas.

Só a enfermeira de plantão pode medicar

Numa operação ocasional ali, cães policiais treinados para farejar narcóticos tinham indicado que havia algo suspeito dentro do armário da menina. A direção da escola, que possui uma cópia da chave de cada um, abriu-o. Dentro da mochila os policiais encontraram um comprimido de Advil — um tipo de aspirina vendido livremente em qualquer farmácia ou supermercado.

Isso bastou para que a menina, a aluna mais aplicada de sua classe, fosse suspensa por três dias e obrigada a ouvir palestras policiais sobre narcotráfico. Ela violara uma regra que se tornou comum às escolas americanas: a de que apenas a enfermeira de plantão está autorizada a medicar os alunos.

— Cometi um erro. Estava com dor de cabeça e levei o remédio para a escola sem avisar a enfermeira. Mas a pena que me deram foi forte demais. Me trataram como uma viciada em drogas — queixou-se a garota. Steve Busch, o diretor da escola, negou que tenha havido exagero.

— É fácil minimizar um caso como esse. Mas é mais sério do que parece, pois há medicamentos vendidos sem receita que podem ter efeitos letais nos estudantes — disse ele.

Kimberly Smartt, de 14 anos, teve de apelar à Justiça para poder voltar às aulas, depois de ter sido suspensa por duas semanas por um motivo



JOHNATHAN PREVETTE, de 6 anos: suspenso por um dia numa escola da Carolina do Norte por beijar no rosto uma coleguinha que nem sequer se queixara do gesto carinhoso

senso: como a lei está sufocando os EUA". James Finn Garner, autor de um livro sobre o alastramento da filosofia do politicamente correto, endossou o comentário.

— A capacidade de discordar de alguém, mas ainda respeitar essa pessoa, não se ensina mais. Um beijinho no rosto, dado por um menino de 6 anos numa colega de escola, deixou de ser um gesto inocente. Estamos perdendo a suavidade, a alegria, a inocência — disse Garner.

Ele se referia ao caso de Johnathan Prevette, da Carolina do Norte, suspenso por um dia no mês passado, por ter beijado no rosto uma coleguinha — que não havia sequer se queixado disso.

Um caso idêntico aconteceria dias depois em Nova York e chegaria à imprensa, desatando uma torrente de protestos. David Elking, professor da Tufts University, foi um dos que esbravejaram.

— Como é que as crianças poderão entender o que é assédio sexual se muitos adultos sequer sabem o que isso significa?

Voluntária salvadorenha é advertida

As escolas têm decidido estabelecer regras duras sem dar ouvidos a considerações como essa. Os professores também são instruídos a evitar mal-entendidos. Mayte Nusbaum, salvadorenha naturalizada americana, sentiu isso na pele.

Como fala espanhol e inglês, ela se apresentou como voluntária numa escola primária de Gaithersburg, perto de Washington, para facilitar a comunicação entre os professores e os alunos. No segundo dia a direção chamou a atenção de Mayte: disseram que ela deveria parar de abraçar ou beijar os alunos.

— Foi inútil tentar convencer os professores *gringos* de que essas crianças são latinas e estão habituadas ao afeto e ao carinho por parte dos pais e professores — disse ela. ■

O que escolas podem e o que não podem exigir das crianças:

GLOBO ON <http://www.oglobo.com.br>

semelhante, em Fairborn, Ohio. Ela não se sentia bem e levou para a escola dois comprimidos de Midol, remédio vendido sem receita médica e indicado para alívio de incômodos menstruais.

Depois de engolir um deles, Kimberly deu o outro a uma colega, Erica Taylor. A professora percebeu e deu o alarme à patrulha da tolerância zero. Erica foi suspensa por nove dias, mas como aceitou se submeter a um curso antinarcóticos teve a pena reduzida para três dias.

O castigo de Kimberly foi mais pesado: 15 dias de suspensão. Os pais dela processaram o diretor da escola e o secretário de Educação local. E ganharam a causa por discriminação racial: alegaram que a pena de Kimberly fora maior que a de Erica, porque ela é negra e a amiga é branca.

Três dias depois da suspensão, Kimberly voltou para a escola, por determinação de um juiz dis-

trital. No tribunal, o diretor do colégio, Edward Gibbons, alegara que não tinha havido qualquer conotação racial no castigo.

— A punição foi diferente porque distribuir drogas é pior do que possuí-las — disse ele.

John Bailey, de Gettysburg, em Maryland, também foi vítima da patrulha da tolerância zero, semanas atrás. O menino, de 10 anos, resolveu mostrar aos colegas de escola algo que vira num filme: pôs um comprimido de sal de fruta na língua para espumar. Foi suspenso por dez dias e levado à Polícia, que o matriculou num programa antidrogas.

— Isso é o que chamo de expansão lunática de leis que passam por cima do senso comum. A maioria não pensante cada dia mais aceita a substituição do certo e errado pelo legal e ilegal — comentou Philip Howard, advogado de Nova York que recentemente lançou o livro "A morte do bom